

Reflexão

Envelhecer - uma etapa da vida Um lugar confortável para se ocupar



Anna Toledo

O envelhecimento é um processo desencadeado com o nascimento. Neste contexto, a realidade apresenta uma situação intensificada por um envelhecimento maciço da população mundial, e, neste sentido, nos convida a repensar o lugar do idoso no mundo, como forma de preservação da própria existência.

Para além da fragilidade física que naturalmente sobrevirá no envelhecer, impondo limitações naturais, os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, também integram este processo, dispensando igual atenção.

Os esclarecimentos sobre os conceitos que dizem respeito a esta etapa da vida humana, podem promover maior entendimento da questão, e assim, possibilitar o desenvolvimento de métodos para desenvolver ações adequadas.

O Brasil, um país reconhecido durante muito tempo pela predominância da população jovem, apresenta hoje nova perspectiva, pois a população idosa cresceu com o aumento da expectativa de vida de cerca de 30 anos, em relação a 1940 e, atualmente, ultrapassa os 75 anos de idade. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que número de brasileiros com mais de 60 anos, que 2012 eram 25,4 milhões, chegou aos 30,2 milhões em 2017.

Devido às dificuldades e preconceitos enfrentados por uma sociedade habituada ao conceito de “juventude permanente”, foi criado em 2003, o Estatuto do Idoso para assegurar a segurança aos mais velhos, na forma da Lei 10.741/2003.

O art. 2º do Estatuto afirma que aos idosos devem ser garantidos, gozando de proteção integral, como se verifica:

Art. 2o O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

O Estatuto trouxe avanços, sob a ótica do envelhecimento bem sucedido, uma vez que ampliou a proteção e, além de viabilizar a locomoção, destacou e fomentou a importância do lazer, da cultura, da saúde física e mental, possibilitando o acesso a estas garantias - já se encontravam previstas na própria Constituição - porém a proteção social ora vista, não é igualitária em relação à clientela não contributiva, havendo enorme carência e desproteção, pela ausência de oferta de um conjunto de serviços ao idoso fragilizado.

O reconhecimento social da pessoa idosa está diretamente ligado ao perfil “ativo”, daqueles que dotados de autonomia exploram as possibilidades oferecidas, mas lembrando de que o idoso incapacitado está condenado ao descaso absoluto. A este respeito importante reproduzir o pensamento de Solange Teixeira Lima (2008, p. 257-258):

Além de espaços de negação do envelhecimento [...] esses programas são contraditórios, assim como as imagens da velhice que difundem, principalmente aquelas associadas à velhice produtiva e ativa, pois, se de um lado estimulam a autoestima e a capacidade das pessoas idosas, por outro, criam certa responsabilidade e obrigação de os idosos buscarem sua sobrevivência e bem-estar; independentemente dos recursos públicos.

Desse modo a figura do “novo velho”, para além de todos os arquétipos, reclama uma estética nova. Envelhecer é ocupar o lugar que de fato se deseja estar, portanto, todos os padrões existentes sobre este tema, necessitam ser reconstruídos.

As promoções e ações que levam ao envelhecimento saudável, e mesmo a criação de leis que visam garantir e amparar a velhice, não serão efetivas se não houver um trabalho de conscientização nacional, pois só trabalhando de forma sistêmica a educação, com objetivo de superar preconceitos, será possível garantir, efetivamente, a dignidade da pessoa idosa.

O caminho é incerto, e o tema em questão complexo, pois ao contrário do que afirma o senso comum, o envelhecimento não está associado apenas à passagem dos anos, com marcadores etários e debilidade física.

A velhice é uma construção sociocultural com infinitas variáveis, como um tecido delicado, que envolve cada indivíduo e, assim, é fundamental conhecer as

dimensões todas do processo, o que torna o estudo do envelhecimento muito complexo, tanto em relação às inevitáveis transformações físicas, como do irrecuperável espaço de tempo - a vida.

Nesse contexto, é urgente o debate a respeito do 'idadismo'¹, que contribui para a marginalização, e até exclusão social, dos indivíduos desta faixa etária, reforçado pelos estereótipos construídos e amplamente disseminado, de muitas formas, através dos meios de comunicação.

A velhice, apenas uma fase da vida, é representada com estereótipos negativos, e as diferentes nomeações, como "terceira idade", ou com 'adoçamentos' - "melhor idade", "feliz idade" - reforçam os padrões, um desafio para as mudanças necessárias a serem realizadas. Afirma Leal (2013, p. 44), citada por Castro (2017), que "a velhice não é só biológica, cada pessoa tem a sua história de desenvolvimento que deve ser levada em consideração e 'envelhecer bem' é subjetivo, nunca será igual para todos".

A velhice tem sido descrita apenas como a última fase da vida, o que reforça a desvalorização dos velhos apesar dos dados demográficos, e das previsões desafiadoras para um futuro muito próximo, a juventude é ainda exaltada em oposição diametral à decadência e degeneração, naturais ao processo de envelhecimento.

Ninguém quer 'sentar nesta cadeira', o que se materializa nos incontáveis procedimentos estéticos realizados, de maneira até indiscriminada, para afastar o 'horror' deste estado inevitável. No famoso romance de Oscar Wilde (1854-1900), *O retrato de Dorian Gray* (1890), pode-se contemplar o paradoxo anteriormente descrito, onde a juventude é a grande dona deste mundo, reverenciada e amada enquanto a velhice é o horror, a ruína:

Sim, chegaria o dia em que seu rosto se enrugaria e murcharia, seus olhos perderiam brilho e cor e a graça de seu rosto se romperia e deformaria. O carmim dos seus lábios desvanecer-se-ia, do mesmo modo que o ouro de seus cabelos. A vida que devia formar sua alma deformar-lhe-ia o corpo. Tornar-se-ia horrível, disforme, grotesco².

Os estereótipos apenas contribuem para consolidar o preconceito com os velhos, e é isto o que deve ser superado, ampliando e melhor dimensionando a visão sobre a raiz do preconceito, um desafio para todos - os próprios idosos, que devem repensar seu lugar social e de pertença; suas famílias, no respeito a suas escolhas, e toda sociedade, com destaque ao papel dos meios de comunicação na construção do imaginário e discurso sobre a velhice.

Modos de viver e envelhecer

Convido os leitores a conhecerem e identificarem 3 mulheres muito longevas, já que todas tem mais de 88 anos, que superam a expectativa de vida dos brasileiros.

¹ Idadismo - tradução portuguesa do termo inglês 'ageism', que significa a atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, especialmente em relação aos mais velhos.

² Wilde, O. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p.38.

Ativas e independentes, as duas primeiras nascidas e criadas no interior e a segunda na capital, que podem aguçar e provocar um pouco a imaginação de todos.

Qual seria o segredo de tanta longevidade? Alimentação, genética, poder aquisitivo elevado, exercícios, elementos subjetivos de personalidade mais favoráveis, sorte? Não se trata aqui de tirar conclusões ou captar segredos que, sem dúvida, possuem e seriam de grande valia, porém, mas com objetivo de enriquecer os estudos e o debate sobre os modos de viver e envelhecer, como indica a poesia de Murilo Mendes (Reflexão nº 01) *“ainda não estamos habituados com o mundo. Nascer é muito comprido”*³.

A primeira que se apresenta é a Sra. Luci. De estatura baixa, elegante, nascida e criada em fazenda, casou-se prematuramente e teve 04 filhos. Conhecida em sua cidade, muito respeitada e querida pela graça e simpatia que sempre mostrou. Riso frouxo, que gostava mesmo de festas. Uma pessoa comum, que não teve uma carreira profissional e dedicou-se exclusivamente ao lar. Teve, talvez, uma vida bucólica e mansa e sem preocupações... Nem tanto. Sofreu com o divórcio do filho, e, com o afastamento dos netos pela mágoa por sua então nora. O filho que tinha problemas com álcool veio a falecer de forma abrupta, e um tempo depois a nora, deixando os pequenos órfãos. Um dia a Sra. Luci apareceu na cidade para as compras, num chuvoso mês de março, com uma tipoia no braço esquerdo quebrado.

A segunda personagem chama-se Sra. Maria. Também nascida e criada no interior, de estatura baixa e olhar arguto, um perfil elegante e muito discreto. Simples. Professora de formação, encerrou sua carreira como Diretora de escola. Formou três filhos, seu maior feito. Já aposentada ficou viúva, após comemorar 60 anos de matrimônio. A família ficou preocupada. Optou por morar sozinha e assim está até hoje. Dirige seu carro todos os dias até o pequeno sítio da família, e toca sozinha todos os desafios da pequena propriedade, como consertos de cerca, decisões importantes sobre os animais (às vezes eles se machucam gravemente ou mesmo fogem). Problemas com doenças nos pés de fruta. Cozinha desde compotas de frutas até vatapás e comidas consideradas difíceis. Mesmo contando com ajuda de uma funcionária, ela mesma limpa sua geladeira e armários, e às vezes nos sentimos desanimados com nosso desempenho perto dela, com 87 anos parece uma força da natureza. Sua fala é muito firme e eloquente. Lê o jornal todos os dias, tem uma prosa deliciosa.

A terceira personagem chama-se Tia Alice. Uma mulher belíssima, sempre elegante, cabelos arrumados e bem pintados. Inteligente, de fala mansa e muito vaidosa. Casada há mais de 60 anos com o amor de sua vida - um casal que faz inveja a qualquer um. Todos da família desejam ser como eles. Não tiveram filhos, mas acredito que acaso fizessem uma pesquisa na família, certamente levarão o título de melhores tios, sempre a postos ajudando os sobrinhos. O marido com 90 anos é apaixonado por ela, e faz questão de demonstrar. Uma vida plena. Certa vez, em uma festa de casamento, optei por me sentar junto deles, tamanho meu apreço e admiração, e enquanto a cerimônia não começava, ela fez uma revelação surpreendente, ou, ao menos, me surpreendeu.

³ <https://www.escritas.org/pt/t/12104/reflexao-n-1>

Vamos refletir sobre as protagonistas destes três relatos que mostram suas singularidades, independentemente dos estilos, e que fogem aos estereótipos ligados a velhice.

O braço quebrado da Sr. Luci, foi para poucos explicado, e ninguém acreditaria se contasse. Aconteceu assim: ela havia realizado uma festa em sua casa na fazenda, no mês anterior, por ocasião do carnaval, como uma prévia para a festa que aconteceria na cidade. No auge da festa, lembrou-se que poderia animar ainda mais aquela festa. Retirou-se para seu quarto e subiu em cima da cama, que era de madeira e muito alta como os móveis de fazenda são, para apanhar no armário uma caixinha contendo lança-perfume. Abriu a caixa e contou 06 (seis) tubos, abriu um e aspirou com força – ela gostava, sempre gostou – desmaiou, caiu e quebrou o braço.

Perguntei a ela: - Mas a Sra. não sente dor? Porque não toma remédios, ao menos nunca vemos. Respondeu: - Claro que sinto! Sinto demais! Tem dias que nem sei. Minhas articulações não são as mesmas há muitos anos, eu apenas optei por não reclamar das dores quando me perguntam como estou e, quando o assunto na roda das minhas amigas da época fica cheio de doença, e sempre fica, pego minha neta e vamos a cabeleireira.

Tia Alice, me toma pelo braço e diz: - Envelhecer é horrível, foi a pior coisa que me aconteceu. Eu odeio ser velha e me sentir tão limitada. Odeio! Odeio! Odeio! Você entenderá um dia. Nunca aceitarei este fardo, este fim, nunca aceitarei ser velha. Preferiria nem ter nascido se soubesse.

Pois é... Envelhecer é apenas uma etapa da VIDA.

Referências

CASTRO, G. Precisamos discutir o Idadismo. In *Estudos sobre Envelhecimento*. Volume 28 | Número 67. Maio de 2017. <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/ff0eed41/580d/49c2/b5d5/66e88d2ef551.pdf>

LEAL, M. G. S. Aspectos psicológicos do envelhecimento. Entrevista à *Revista E*. SESC-SP. Vol. 20, n. 1, 2013, p. 44-46.

TEIXERA, S.M. *Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

Data de recebimento: 22/01/2019; Data de aceite: 21/03/2019

Ana Claudia Toledo - Advogada. Pós-graduada pela Universidade de Coimbra – Portugal, em Direito do Envelhecimento (2014) e especialista em Direito Previdenciário pela EPDS (2013) e em Direito Tributário pela EPD (2013). Membro da comissão da Mulher Advogada da OAB/SP. Texto escrito para o curso de extensão do COGAE/PUCSP, “Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento”, segundo semestre de 2018. E-mail: annactoledo@hotmail.com